



# Gaiato

7 DE FEVEREIRO DE 1970  
ANO XXVI — N.º 676 — Preço 1\$00

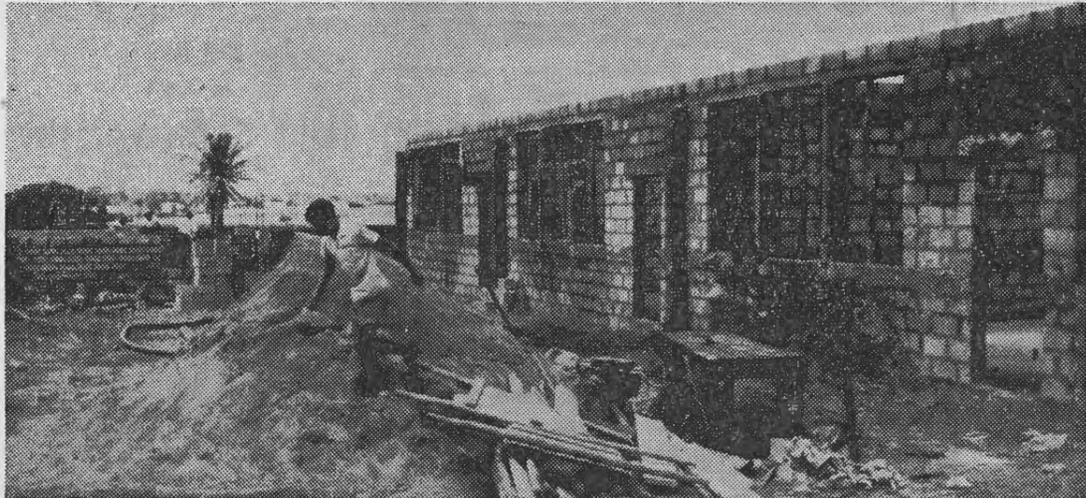


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



UM ASPECTO DAS ESCOLAS DE LOURENÇO MARQUES

## Lourenço Marques

Escrevo esta dentro das Oficinas, que agora só esperam as máquinas mais a energia que tanto tarda. Quando o negócio não é de render aqueles por cento da praxe, nem queiram saber o que é esperar! Para mim, um verbo passivo e activo simultaneamente. Sofro a demora, mas não poupo os passos.

Donde estou vejo a cabina de transformação, na meia encosta do terreno, à espera da corrente que há-de vir em 30.000 volts. Já procurei um transformador usado e em repouso. Não há. Temos de comprar. São oitenta contos.

Aqui mais perto e à direita é a Escola. Hoje fez-se a placa de duas salas. Faltam outras duas e o gabinete dos professores. Só para isto, mais uma camioneta de cimento não chega. Depois o telhado e os acabamentos.

Há núvens negras sobre a minha cabeça. Atrás de mim o sol poente parece ouro em fusão. É bonito mas triste. Um acabar do dia, sem sombras nem contrastes: tudo tem a sua mesma cor. Gosto mais do sol nascente: outra luz, outro brilho e tudo brilha com ele. A atmosfera é mais transparente. É um novo dia; uma nova esperança. Não gosto de pensar em coisas tristes. Aos rapazes que aguardam entrar nesta Casa, procuro esquecê-los, para viver o dia de amanhã. Estamos a construir para amanhã, para um dia novo. Ontem pertence aos derrotados com amargura; aos tristes que não se sabem vencer; aos preguiçosos que nada fazem senão

o que é para se ir fazendo; aos egoístas que se negam a ver algo mais fora de si. Para as crianças que vivem aqui à roda, sem nunca terem tido a possibilidade de uma escola onde fizessem a quarta classe, o ontem já passou com o seu cortejo.

O amanhã é dos optimistas, dos de grandes ambições; dos que deixaram de pensar em si; dos que lutam por uma vitória certa.

Por isso, hoje mesmo, com oficinas por montar, escolas em

acabamento, montagem eléctrica por fazer, traçamos no chão a planta da Casa-Mãe e da primeira Casa de habitação para rapazes. Vamos para a frente. Com quê? Sem nada? Não. Com Deus que é a nossa certeza. Com os amigos leitores que sois a nossa esperança. Com os nossos rapazes, agarrados ao trabalho, que são a nossa promessa de um amanhã melhor.

Padre José Maria



A cobertura médica e farmacêutica de grande parte das regiões interiores do País está ainda por realizar. Já aqui referimos que em muitos sítios ainda impera a acção dos curandeiros e das bruxarias. Nos jornais, frequentemente, dá-se conta da sua actuação sinistra. A concentração da assistência nos grandes centros, a atracção natural dos Médicos pelos meios mais apetrechados e rendosos, a falta de estradas de acesso a povoações que continuam praticamente isoladas, justificam em grande parte a situação de atraso em que tristemente nos encontramos. A criação de brigadas sanitárias móveis, o rompimento de estradas e caminhos, o fornecimento de água potável, o estabelecimento de esgotos, uma política de habitação humanizante, etc., estão na base duma promoção séria do nível geral do Povo, que não apenas no da saúde. A própria

fixação à terra, naquilo que seja desejável e justo, procurando o equilíbrio entre os vários sectores, só será possível na medida em que nos mobilizamos todos, sincera e abnegadamente, ao serviço de toda a gente, mormente da mais esquecida e abandonada. Sem libertarmos os nossos Irmãos da escravidão da miséria, não podemos falar-lhes das coisas do Alto.

Enquanto no campo e nas regiões mais inóspitas o problema sanitário está longe de atingir um nível humano, a assistência médica e hospitalar, mesmo nos grandes centros, continua também, em muitos casos, longe de satisfazer. Visitámos há pouco um dos hospitais de Lisboa, ocupando antigo convento. Corredores longos, divididos por biombos, constituem as diversas enfermarias e salas. Para lá do

## Festas

A carta chegou o verão passado. A nossa época teatral acabara havia meses. Tendo, porém, de tratar outros assuntos, aproveitava para prevenir o futuro:

«E já que estou com a mão na massa, que é como quem diz na caneta, aproveito para manifestar o meu desgosto pela ausência da vossa Festa este ano na Póvoa de Varzim.

Será possível que a boa gente poveira não haja correspondido ao apelo de Amor, de ternura, de alegria sã de que são portadores os vossos rapazes? Não acredito!

Vós fazeis pouca publicidade. Bem sei que uma Festa de Gaiatos não devia precisar de propaganda. Elas impõem-se só por si. Pelos muitos méritos representativos dos actores-amadores que nelas participam e sobretudo pela mensagem de Caridade que são, pelo calor humano que despertam.

Mas é esse o vosso erro. Desculpai a franqueza. Pouca publicidade.

Já lá vai o tempo em que o slogan «o que é bom não precisa de reclamo» estava na ordem do dia.

Os tempos mudaram, porém. Só os grandes cartazes, as letras a grandes dimensões atraem a gentes.

Pois se há por aí tanta coisa ôca (a maioria dos espectáculos), tanta fonte de corrupção a meter-se pelos olhos dentro, porque não há-de apregoar-se o que é bom e honesto? Fazei assim e vereis. Utilizai (na maioria das terras nem é preciso!) a rádio, a televisão, os jornais, as revistas, os «placards», as paredes, as montanhas, invadi tudo até que se esgotem as salas de todos os cantos de Portugal, onde com tanto sacrifício e delicadeza vos deslocais. Sois, por graça de Deus, donos duma juventude autêntica, encaminhada.

É preciso que todo o mundo ponha os olhos em vós. E veja o milagre duma alegria conquistada no esforço, na luta, no trabalho.

Perdoai ter-me alongado. Foi um desabafo amigo de quem queria assistir à vossa Festa e não pôde e teve pena que muitas outras almas tivessem ficado privadas de tão agradável convívio. Com esperança de que no próximo ano, assim não aconteça, subscrevo-me com afectuosos cumprimentos.»

Há nesta saborosíssima carta dois pontos importantes. Um, «ad intra», diz-nos respeito a nós: é uma mensagem aos nossos Rapazes que os responsabiliza muito. Nunca entendi que fôsse outro o sentido das nossas Festas senão esse mesmo que a carta refere: «um apelo de amor, de frescura de alegria sã (...), alegria conquistada no esforço, na luta, no trabalho».

Continua na QUARTA página

Continua na SEGUNDA página

# Respostas ao postal aviso

«Desculpem-me a malandrice: de vez em quando os meus amigos dão-me um safanão que fico sem saber de que terra sou, e é bem feito.

No caso de não chegar o valor remetido no vale n.º 26871 para ficar em dia, agradeço o favor de me informar.

Entretanto abraça-vos o amigo P.»

x x x

«Saúde da boa e melhor atenção aos vossos trabalhos são os meus votos. Espero que o (Menino) Avelino antes de me chamar caloteiro esfregue bem os olhos, que não durma tanto, veja bem a ficha do assinante 30756 e junto a minha liquidação do «A Porta Aberta». Enviei 100\$00 para destinarem 50\$00 ao pagamento da assinatura e 50\$ ao acima referido. Assim, sou eu que digo mais uma vez ao Avelino: atenção aos vossos trabalhos!...

E que Deus nos ajude.»

x x x

«Dizem-me no vosso postal de 4/12/69 (a data do correio) que a assinatura do meu jornal está em atraso.

«Ora, meus amigos, isso é verdade para o vosso «ficheiro», mas não o é para mim. E no entanto a culpa da confusão é somente minha, reconheço-o.

«É que, de há anos para cá,

tenho mandado, mais ou menos por estas alturas, a importância de 100\$00 em vale do correio, para pagamento da assinatura de «O Gaiato». Só que (e aqui é que está a minha falta) tenho-os remetido simplesmente à «CASA DO GAIIATO» e sem qualquer comunicação, quando o devia ter feito para a Administração de «O Gaiato», como o faço agora e daqui em diante enquanto Deus me der vida e algumas possibilidades (O sublinhado é nosso).

«Concluindo: O «Senhor Ficheiro» tem toda a razão e agora apenas terei que me sujeitar, para castigo da minha negligência, ao douto veredicto que entenderem e espero ser de justiça.»

Que dizer mais? Há vinte e cinco anos que, graças a Deus, permanece imutável a juventude de espírito dos leitores do «Famoso»! Mais ainda: registem com atenção o sublinhado no penúltimo parágrafo do derradeiro correspondente. Ao fim e ao cabo — e para bom entender — as nossas contas são tão simples!

Visado pela

Comissão de Censura

Cont. da PRIMEIRA página

Este sentido de missão sempre é meditado ao encetarmos a nossa peregrinação e às vezes lembrado ao longo dela. E a sacramentá-la mais, a «mensagem de caridade que os Rapazes são, pelo calor humano que despertam», temos tido nos últimos anos a graça de ser recebidos em prisões, onde a sede «de amor, de frescura, de alegria são» é mais intensa que em «todos os outros cantos de Portugal onde com muito sacrifício nos deslocamos».

A carta revela a amizade profunda que nos tem quem a escreveu e ao mesmo tempo é um sinal a chamar-nos a atenção para um ideal que parece ver já realizado e que nós cremos ser apenas uma tendência, uma meta que queremos atingir: «Sois, por graça de Deus, donos de uma juventude autêntica, encaminhada. É preciso que todo o mundo ponha os olhos em vós. E veja o milagre de uma alegria conquistada no esforço, na luta, no trabalho».

Esta é na verdade a essência do nosso programa. Todos os anos. Faz agora 22. Que ele se concretize em números mais ou menos brilhantes, que seja mais ou menos feliz o critério de selecção e o êxito de direcção do Responsável pela Festa — esta culminará sempre com a aparição dos «batatinhas», justamente porque ninguém como eles é capaz de exibir inocência, pureza — a virtude que refresca, que enche de alegria são e comunica apelo de amor, «pelo calor humano que eles despertam».

# FESTAS

Que o Bernardino seja o primeiro destinatário destas linhas. E embora deva conquistar a alegria dos seus actores e a dos nossos espectadores, «no esforço, na luta, no trabalho» — seja contudo simples e possuído por uma só preocupação, qual é a alma da nossa presença sobre os palcos. E que não deixe de contar com a excepcional participação da plateia, causa também muito eficaz do nosso êxito de sempre.

Deus sabe e entendem os que nos amam na inteligência da nossa vida, que é com real sacrifício e (porque não?) também «com delicadeza» que vamos por aí fora. Que o fulgor do espectáculo não venha das luzes da ribalta nem da feliz escolha e execução dos números; mas, desde os «batatinhas» aos maiores, da «juventude autêntica, encaminhada» de que cada um queira tornar-se «donos».

Quanto ao segundo ponto, que chamarei «ad extra», concordo inteiramente que é assim; e também «que uma Festa de Gaiatos não devia precisar de propaganda».

Mas nem quero que o Júlio demore os seus olhos nas linhas que tal dizem, pois todos os anos «turamos» um pedacito neste ponto. E acerca dele, prefiro, apesar de tudo, uma atitude ideal (Anunciar, sim; propagandear muito, não!) — como se o «não devia precisar de propaganda», fôsse sempre e em qualquer lugar, uma realidade consumada.

## EM MARÇO

DIA 5

às 21,30 h.

## COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dia, úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

DIA 7

às 21,30 h.

## Cine Teatro S. Martinho Penafiel

\*

DIA 9

às 21,30 h.

## Teatro S. Pedro - Espinho

\*

DIA 10

às 21,30 h.

## Teatro Aveirense Aveiro

\*

DIA 13

às 21,30 h.

## Cine Teatro de Monção

\*

DIA 17

às 21,30 h.

## Cine Teatro de Santo Tirso

\*

DIA 19

às 21,30 h.

## Teatro Circo — Braga

\*

DIA 20

às 21,30 h.

## Teatro Ribeiro Conceição Lamego

Os bilhetes estarão, oportunamente, à venda, em cada uma das referidas Salas.

Dei uma volta pela Baixa, à procura de amigos. Encontrei alguns que me recebem sempre com alegria. Entrei em Santa Cruz e na Sé Nova e segredei coisas ao Grande Amigo. Regressei a casa de mãos vazias.

As obras de Coimbra comem-me. Uma casa tão grande para obreiros tão pequenos. Já há quem me tenha falado na inauguração. Quando e como será? As obras estão nos acabamentos. E o recheio? Vamos com os nossos trastes velhos?

Cozinha com o indispensável, sala de jantar com mobiliário par? cinquenta rapazes, salinha de visitas, duas salas para vinte estudantes, sala de jogos, oratório com altar, alfalhas e roupas litúrgicas, camas e mesinhas de cabeceira para meio cento de habitantes. Quem toma uma destas coisas à sua conta? Quem?

Há dias telefonou uma senhora com muito gosto pela pintura, a perguntar se queríamos o retrato de Pal Américo. Quisemos Pal Américo e pedimos uma Ceia.

Fui chamado a uma casa por



causa dum bilhar. Aceitei logo. Veio na hora própria. A senhora ficou contente e olhou para o piano que estava ao lado: — «Se o piano servir para bem dos Rapazes, pode também levá-lo. Deram-mo quando era nova e tenho-lhe muito amor, mas quero desprender-me».

Recebi a lição e a alegria de quem não quer estar demasiadamente pegado às coisas deste mundo. Encontramos no nosso caminho tantas correntes a amarrar pessoas! Pessoas que se prendem a nada da vida e não olham ao sabor da vida que todos devem viver.

x x x

Anteontem, veio uma mãe

com um filho de 12 anos e uma filha de 7. O rapaz anda na escola mas não olha para os livros e não pára um momento em casa, pois a mãe anda fora todo o dia, a ganhar o pão para os três, já que o pai abandonou o lar. O rapaz tem cara esquiua e olhos desconfiados.

Ontem veio outra mãe com outro filho da mesma idade. Ela tem receio das horas livres da escola e queria um ambiente bom, onde o rapaz se não perdesse. Veio enganada. Nós não somos para os bons.

Hoje veio mais outra carregada de luto e de doença. O marido faleceu há pouco e tem um filho de quinze anos e duas filhas mais novas. O rapaz ainda não tem a 4.ª classe e não quer instrução, nem trabalho. Esta mãe chorou a sua sorte e a sorte dos filhos. O rapaz ficou. Pode ser que seja fruto de mimo a mais. Vamos fazer por ele o que pudermos e soubermos.

Padre Horácio



A enxurrada continua! Graças a Deus. De todos os quadrantes, das grandes urbes à mais provinciana e ignorada vila ou aldeia do continente e ultramar, chegam notícias quentes. Bafo revolucionário, que produz maravilhas sem conta, peso e medida. Há-de ser sempre assim, pois o motor e objectivo são o vasto e complexo campo das almas.

Passa à nossa frente uma procissão formidável! Gente de todas as cores, credos, feitios e temperamentos. O Homem. Os homens. Ele hosanas, lágrimas, desabafos — orações espontâneas que o Senhor recolhe, acrescenta e faz produzir mais e mais. É assim «O Gaiato» — o «Revolucionário», como repete e acentua um dos presentes.

## ● JORNAL SEMPRE ACTUAL

Salta do grupo, para a frente, a assinante 15221, de Lisboa:

«Aqui vão estes poucos assinantes (8), que são todos os que consegui arranjar. É difícil aqui no Banco arranjar mais entusiastas pela «nossa Obra», pois todos somos grandes amigos vossos.

«No entanto, como «O Gaiato» é um jornal sempre actual e de óptima leitura, lá conseguimos estas migalhas. Pode crer que foi com todo o entusiasmo que tentei arranjar Amigos.

«Espero que a vossa Campanha tenha resultado e peço a Deus que assim seja.»

Que trabalho frutuoso! E continui a pedir a Deus que assim seja!

# CAMPANHA DE ASSINATURAS

## ● O TERRENO E A SEMENTE

Outra presença frutuosa:

«Desta vez são só 3 as assinaturas que consegui angariar para tornar conhecido e amado o vosso Jornal e, assim, a grande Obra de Pai Américo. Permita Deus que o terreno onde a semente começará a

cair, seja bom e fértil para bem dos lares onde o jornal vai agora passar a entrar.

«Caso isso ainda fôsse possível agradecia que enviassem os jornais a partir do n.º 670.»

É já uma preocupação constante — de todos e cada um dos soldados da «Campanha» — o princípio da liberdade. Forçar, não — repetimos! Queremos gente que aceite o compromisso da leitura. O próprio Senhor criou o homem livre, para o bem e para a mal... Por isso, quão oportuno aquele «permita Deus que o terreno onde a semente começará a cair, seja bom e fértil...»

## ● MAIS ADESÕES ESPONTÂNEAS

A «Campanha» é um mundo! Temos à nossa frente várias adesões espontâneas. Entre elas a simpática presença de Adelaide, de Lisboa. Letra perfeitíssima, delicadeza feminina — e muitas felicidades à Obra. Impossível catar todas as adesões deste género. Mas aqui vai outra, de S. Bento — Porto de Mós:

«Eu gostava muito de ler o vosso Jornal «O Galato», mas não tenho dinheiro para pagar; se quisessem e fizessem o favor de me mandar eu mandava-lhe selos de correio usados, pedia-os aos meus vizinhos e mandava-lhos.

«Desde já muito lhe agradeço e com muito respeito...»

Aonde chega o interesse, a devoção, a fome pelo «Famoso»! Isto não é gabarolice. Não senhor! A humildade é a verdade; e a luz não se pode nem deve pôr debaixo do alqueire... Este amigo já sabe; escusa de pedir selos aos vizinhos. Outros, por outras vias, de muitas formas, como Deus quiser, farão o que ele não pode. E o «Famoso» já está em sua casa. É o seu companheiro.

## ● AMIGAS DE TRABALHO

Outra presença d'algures:

«Amiguinhos: é com todo o meu coração que vos arranjo estas assinaturas. São minhas amigas de trabalho. Por agora só 7, mas espero qualquer dia arranjar mais também.»

Assim mesmo D. Serafina! Vamos lançar o fogo do Revolucionário aos locais de trabalho! Por agora só 7, mas

qualquer dia serão mais. E mais. E mais. Entretanto, se o seu patrão não seguir à frente irá no meio do pelotão. Neste aspecto o nosso «Pião», que foi de Miranda do Corvo, e é funcionário da Caixa Geral de Depósitos, entre os doze que manda subiu até ao Conselho de Administração! Parabéns.

## ● BOAS NOTÍCIAS D'ÁFRICA

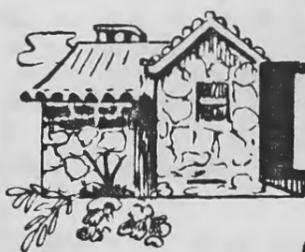
África marca boa nota. Fernando Dias, da nossa Casa de Malanje, remete uma série de Cacuso, Lombe, Luanda, Malanje, Santa Comba, Calulo, Dundo, Dondo e Henrique de Carvalho. Américo, da nossa Casa de Benguela, passa outra lista de 15, desde Caála, Novo Redondo, Caimbambo, Nova Lisboa, Silva Porto, Luso, Coruteva, Cubal, Lépi até Ganda. Um mapa de Angola! Registamos, também, presenças amigas da costa do Índico: Beira e Lourenço Marques.

## ● O MAPA DA METRÓPOLE

Quisera, agora, continuar com a voz dos leitores. Mas... ai o espaço! Então, se me permitem, vamos desdobrar o mapa da metrópole e indicar que abrimos alas em Lisboa — a capital — com numerosíssima pleiade de gente nova, Coimbra, S. Pedro do Estoril, Tomar, Murtal, Torres Novas, Meinedo (Lousada), Rio Tinto, Vila Real, Castelo de Paiva, Viseu, Armamar, Sacavém, Régua, Espinho, Angra do Heroísmo, Base Aérea das Lajes (Açores), S. Paio de Oleiros, Leça do Balio, Porto (sempre em forma!), Areosa, Castelo da Maia, Parede, Oeiras, Pombal, Águeda, Balugães (Barcelos), Fânzeres, Gondomar, Mirandela, S. João da Madeira, Vagos, Aveiro, Portalegre, Palmela, Cete (ao pé da porta...!), Coimbra, Braga, Mira, Leitões (Mira), Fanhões (Loures), Alcochete, Nelas, Mealhada, Estarreja, Oleiros (B. B.), e mais e mais e mais.

Finalmente, o Avelino informa que desde o começo da procissão, até hoje, não andamos longe de 1.000 novos leitores! Ele está neste momento à volta com a inscrição do novo pelotão. E, mal acabou, deu nota: «Vieram, já, 881 assinantes!». Demos graças a Deus. E batam-nos à porta!...

JULIO MENDES



## PATRIMÓNIO dos Pobres

Queria poder dizer já o que foi a vida deste movimento para a construção de casas para Pobres no ano derradeiro. A lida não o permitiu. Até porque ainda nem permitiu despachar todos os casos em mãos ao longo do ano. Mas, graças a Deus e à boa correspondência de muitos tocados pela acuidade do problema da habitação, foram possíveis alguns passos em frente.

Claro que os números que não de exprimir estes passos nunca foram nem serão espectaculares. Perante a gravidade dos que revelam a gravidade do mal, são uma gota de água. (Recordemos que «em 1964 Portugal necessitava de 350.000 fogos para desdobramento de alojamentos superlotados e 164.000 para Famílias sem habitação ou vivendo em tugúrios». «Só no distrito de Lisboa há 109.900 Famílias coabitando, à razão de 2,6 por fogo; e 15.000 vivendo em barracas.»)

Porém uma válida gota de água que está na base do desencadeamento das atenções públicas e de muitos grupos privados, para um problema fundamental que, durante muitos anos se ignorou.

Hoje são potências enormes que se movimentam para a solução do problema. Ele é denunciado pelos responsáveis pela coisa pública como um dos mais importantes, causador de muita preocupação. Em recente Colóquio sobre Política de Habitação, há tempo referido nestas colunas, falou-se verdade com uma audácia que antes era tida por impolítica. São sintomas consoladores e renovadores da esperança, pois não há mais firme alicerce do que a verdade, nem melhor ponto de partida para o achamento das soluções, do que encarar os problemas de frente, tais como realmente são. Também a Caritas agora aparece pronta a mobilizar recursos e a terçar armas nesta cruzada nunca terminada, onde cada geração, ao cair no seu posto, deve poder afirmar em boa consciência: «Combati o bom combate.»

Naturalmente estas potências dirigir-se-ão primariamente aos meios urbanos, onde a miséria é mais gritante e a multidão que escuta mais numerosa.

Deus queira não caiam na tentação de regulamentos de-

masiado rígidos, de uma burocratização asfixiante; ou, naqueles casos em que se trate de ajudas reversíveis, em critérios de profissional da finança.

Creio que para sair do ponto morto em que há muito se jaz, não basta técnica, nem estruturas de Justiça, atrasadas em relação aos problemas a que procuram responder. Ao menos no arranque, será preciso um impulso forte de fraternidade, que ponha a prestar aos Pobres, sem qualquer reversibilidade material, bens para todos criados, mas na mão de alguns ricos. Um impulso forte e perseverante que permita construir com capital arrecadado e não do seu lucro, capital constantemente reconstituído com novas doações que permitirão outros investimentos até à medida das necessidades mais urgentes.

Não concebo empreendimentos neste sentido, oficiais ou de grandes grupos de particulares, estruturados à maneira de uma empresa de Seguros.

Assim far-se-á muita coisa, talvez, até com vistosa fachada. Mas jamais se chegará a colmatar esta ferida abismal, que, «segundo os trabalhos preparatórios do IV Plano de Fomento, exigiria a construção de 133.000 fogos para cobertura dos défices anuais; 20.000 fogos anuais para substituir os envelhecidos; 31.000 fogos anuais para cobrir o crescimento da população e o movimento migratório interno».

O Património dos Pobres continuará, sobretudo junto dos rurais, tentando responder eficazmente às suas carências habitacionais, com um mínimo de formalismo, — que a abundância dele assustava-os e afastá-los-ia.

Deus queira a pequenina bica nunca seque e vá matando sêdes àqueles que têm menos voz para se fazer ouvir.



RIBEIRA BRAVA (MADEIRA) — DIA DA INAUGURAÇÃO.

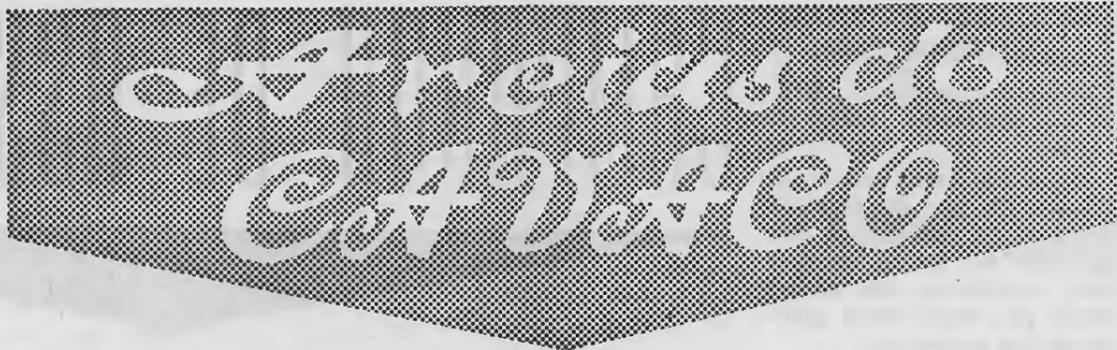


OBRA DE RAFAEL PARA RAFAEL, PELOS RAFAEL

Todos os meses antes do último dia, vem um telefonema da Lupral a pedir-me que passe por lá. Já o tenho dito particularmente, mas no jornal ainda não, da ajuda grande que a empresa vem dando às Obras da nossa Aldeia, desde a primeira hora. Que Deus conserve os homens de vistas rasgadas que assim procedem e não deixe que o dinheiro lhes endureça o coração.

Mas este telefonema é dos operários. Decidiram privar-se todos os meses de bocadinhos dos seus vencimentos e transformá-los em pão; no nosso pão. Carregam aos seus ombros parte do peso da nossa vida, do nosso dia a dia. Que nunca lhes falte a coragem!

A este grupo há muito se juntou outro, da *Cosema*, no Lobito. De quatro em quatro meses cai em nossas mãos a



contribuição voluntária mensal para o mesmo fim. Os Pobres compreendem melhor os Pobres. Ajudam-nos. Sabem que não são senhores absolutos do pouco que têm. E repartem desse pouco. Mas repartir é obrigação de todos. Porquê tanta miséria? Porquê tantos valores que se perdem? Porque não transformar migalhas em pão? Porquê os que mais têm

para repartir não o fazem? Esbanjam.

Curvamo-nos com muito respeito diante daquele homem simples, condutor nos comboios do C. F. B.. De há muito nos é conhecida a sua caridade e solicitude por nós. Mandou-nos 7.100\$00 recolhidos entre seus companheiros e assinantes de «O Gaiato». Mais uma lembrança de um futuro pai,

do Lobito, que por vezes chora de tristeza por tão pouco fazer pelos outros. São lágrimas que salvam. 20\$00 de L. M. do Lobito. Vem todos os meses marcar presença. Uma peça de pano para fatos de trabalho. Da Catumbela, casal amigo com 500\$00. De Lisboa, por intermédio de pessoa amiga de Benguela, 500\$00. Mais 500\$, de Benguela. De uma professora, em cumprimento de uma promessa. 2.100\$00. 2 caixas de conservas e um cheque de 1.000\$ de J. D. A.. 20\$ e um abraço amigo. Em minhas mãos, 500\$. Da Catumbela, 300\$. Para o Natal da Casa do Gaiato, 100\$. Mais 500\$ de uma mãe muito amiga dos nossos filhos. A um vendedor de «O Gaiato» 100\$.

A outro mais 100\$. Do Cubal, 20\$00 «para ajuda do açúcar das filhós». Do Lobito, 1.000\$. Casal de Benguela, 500\$. Outra vez Cubal com 100\$. Com muita discreção 2.000\$, do Lobito. Já é presença habitual. A. L. M. do Lobito, volta com os 20\$ do costume pelas mãos de um vendedor de «O Gaiato». De Vila Nova 50\$00 para assinatura do jornal. 412\$50+370\$, contribuições mensais dos Empregados da Lupral. Carmen, de Benguela, com 100\$00. Açúcar da C. A. A. e da S. A. C. Todos os meses vamos por ele para adoçar o nosso café. Mais 2.000\$00, de quem não quer lucros nos negócios com a Casa do Gaiato. Quem dera que assim fosse com todas as Casas Comerciais. Mais 500\$00, não sabemos de quem. «A grande Família», 200\$00. Amigo de Luanda, sempre tão discreto no seu dar, vem com 5.000\$00. Da Babaera, 500\$00. E esta procissão de presenças termina com chave de ouro: «envio a pequena importância de 5\$00 em selos esperando vir ajudar com dádivas melhores.» É o óbulo da viúva do Evangelho.

Padre Manuel António



**Presenças** — Elas são tão nossas conhecidas que, quando chega o correio, exclamamos de alegria, dizendo seus nomes e arrecadando suas migalhas. E vamos a elas que, quase todas, trazem ainda o bafo das festas natalícias.

Ass. 16264, de Braga, com 60\$+60\$ e 220\$. M. J. com 50\$00+50\$00. Do Luso-Buçaco, duas irmãs muito amigas, mandam-nos 100\$00. Alice, de Lisboa, com 500\$00. Lili com 50\$, dos seus «3 anjos». Que o Senhor os guarde e guie. Mais 10 dólares de Newark. «De doentes, para doentes», 100\$. Da Invicta, 50\$00. Duma promessa, 50\$00. De Viseu, 100\$. Do Campo Alegre, 200\$. «Um Pecador», de Ovar, com 130\$. E 1.000\$00 de Zé Ninguém, no dia de aniversário de seu casamento. Que feliz ideia a sua, bom Amigo! O Senhor tê-la-á em conta.

Coimbra com 100\$00. Ass. 17022, com 365\$ de pequenas migalhas amealhadas. Mais 500\$00 de Lisboa. Alguém da Hidro Eléctrica do Douro, com 100\$. De algures, 2.000\$00. E cigarros, 1 rádio e 100\$00, do Grupo dos Amigos de D. António Barroso, do Porto. Da Senhora da Hora, 150\$00. M. L. com 100\$00 seus, e outros

100\$00 de sua irmã. 300\$00 de Paços de Brandão. De vizinhos amigos, aqui da Vila de Paredes, 1 cheque de 3.500\$ e um bolo-rei. Ass. 19109 com 20\$. Senhora de Veiros com 1.000\$. Um vale de 300\$00, de Lisboa. Senhor Engenheiro, do Porto, com seu cartãozinho muito simples e cheque de 10 mil, pedindo desculpa de não vir entregar pessoalmente. Chegou bem. Deus o recompense.

Visitas com 1.000\$ e mais 9 cobertores, muito bons e muito quentinhos. Roupas de Coimbra. Da Câmara Municipal de Albufeira, 600\$00. Mais 40\$00 do Porto. Lisboa com 500\$00. Donativos recebidos no Montepio Geral, com destino ao «Calvário», assim discriminados: Ass. 4223 com 20\$. Maria de Jesus com 700\$. Maria do Céu, com 3 mil. E de novo ass. 4223, com 40\$. Mais roupas de Dafundo e Lisboa. Ainda da Capital, 6 lençóis novos. E do Serviço Social da Casa dos Pescadores de Portimão, 300\$00.

De «Oporto Ladies Guild», o donativo de 2.000\$. Anónimo com 500\$. «Portuense qualquer», com várias presenças. Castelo Branco com 150\$. De Lisboa, 100\$00. Porto com 50\$. Humilde Portuense, com 100\$.

E mais um rádio do Porto. Ofertas várias de 50\$00, 20\$, 100\$00, 50\$, 20\$, 200\$ e 100\$. Mais 500\$ de Joaquim. Mais 100\$00 de Lisboa e vestuário de Soure.

António, que há tantos anos aparece, cá vai com várias mensalidades de 100\$00. Uma tarifa e 50\$00, de Coimbra. Por uma graça recebida, 100\$ de Mafra. Mais 140\$00 de algures. De Portalegre, criada Maria, com migalhinhas de 20\$; sempre benvindas. 50\$ do Porto. Mais 100\$00 de Paço de Arcos, de quem pede orações. Gonçalves com 50\$. Para ajuda de medicamentos, 500\$ do Porto. Famalicão com 100\$00. E de Lourenço Marques, 1.000\$00. Mais um cheque de 500\$00. Roupas da Póvoa de Varzim, depositadas no Espelho da Moda. Ernest Osswald, com 50\$ cada mês. Ass. 3521, com 100\$00. Uma caixa com nozes, do Porto. 50\$00 e mais roupas de Lisboa. E echarpes, novas e boas, também vindas da Capital.

Da Rua Pedro Hispano, de quem todos os meses recorda «a alma da minha querida Mãe», 50\$00. Amiga com 100\$. Dum aposentado que reparte com os nossos doentes da sua magra reforma, 100\$00. E a já conhecida anónima da Rua das Papoilas, com os 50\$ de todos os meses. Ainda outro Amigo, da Sociedade de Cristais, com 100\$00, também mensalmente.

Anónima, com gotinha de 10\$00, para um cancroso. E Oliveira com 50\$00. Da Praia da Aguda, igual quantia. Ass. 11642, com mil, «para alegrar um pouco os nossos irmãos doentes». 100\$ do Porto. Mais 140\$00, por alma de Fernanda. «Uma de Lisboa», com 100\$00 e muito amor. Um vale de 160\$, da Foz do Douro. E para finalizar, esta cartinha e 1.000\$00:

«Para o Calvário, obra divina do Pai Américo, antecipação do Paraíso na terra, para quantos por graça de Deus, aguardam a hora de nascerem em Cristo nosso Divino Mestre e Senhor.

Natal de 1969».

Manuel Pinto



UM PORMENOR DA CASA-MÃE DE BENGUELA

*Aqui Lisboa*

Cont. da PRIMEIRA página

desconfortável das instalações, dos cheiros enjoativos a desinfetantes, da calça que cai sobre os leitos, as roupas encardidas, os colchões incómodos, tudo converge para nos lembrarmos como é triste ser pobre... Numa das enfermarias, com doentes operados recentemente e alguns moribundos, o trabalho dos operários matraqueia os ouvidos dos que sofrem. Só quem nunca esteve doente, ao menos com uma forte dor de cabeça, não avaliará da impressão e do incómodo causados a quem jazia nos seus leitos de sofrimento. Nos bancos hospitalares, por outro lado, é frequente verem-se horas e horas, aguardando a sua vez

os que chegam para receberem socorro. As lamúrias e as queixas, à mistura com os ais angustiosos dos que sofrem, mais téticos tornam os ambientes.

Tudo o que diga respeito ao Homem nos interessa. Queríamos contribuir com a nossa quota parte para a sua felicidade e para a sua libertação. Chamar à atenção dos Poderes Públicos para os seus problemas é, pois, nosso dever. O mundo não pode ser só para os que têm a graça de dispor de bens e de recorrer aos grandes Nomes de Medicina cu às confortáveis casas de saúde ou quartos particulares. É que onde está um Homem, está um ser criado à imagem e semelhança de Deus!

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE